

LAYRISSE, MIGUEL y JOHANNES WILBERT. *Indian Societies of Venezuela. Their blood group types*. Instituto Caribe de Antropología y Sociología, Fundación La Salle de Ciencias Naturales. Monografía núm. 13. Caracas, 1966. 318 pp., 49 tabelas, 30 figuras, 3 mapas.

Como está indicado no primeiro parágrafo dêste livro, foi êle escrito com o objetivo principal de reunir os diversos dados obtidos pelos autores durante os últimos dez anos no que se refere aos índios venezuelanos e seus grupos sangüíneos. Resultados parciais já tinham sido publicados a intervalos regulares durante êste periodo, mas o volume reúne informações completas e finais sôbre material coletado em 28 expedições, assim como as conclusões obtidas após o acúmulo de todos os dados, que incluem 3.446 indivíduos. Resultados inéditos sôbre os grupos sangüíneos e outras características

de 718 indígenas são também apresentados. A pesquisa foi desenvolvida com o propósito de verificar a distribuição geral dos genes que condicionam os grupos sanguíneos em 16 sociedades indígenas contemporâneas da Venezuela e a monografia em referência se constitui no primeiro estudo desse tipo a ser feito em qualquer país sul-americano.

O livro é dividido em cinco capítulos. Há uma pequena introdução (4 pags.); segue-se um capítulo sobre aspectos pré-históricos e atuais da população autóctone venezuelana (15 págs.); descrição dos métodos de coleta das amostras de sangue e de cálculo das frequências gênicas (6 pags.); informações detalhadas e sistemáticas sobre o ambiente, a cultura, a aparência física e os grupos sanguíneos de cada uma das tribos estudadas (193 pags.); interpretação das frequências genéticas obtidas (23 pags.); um apêndice sobre outros genes marcadores (6 pags.); uma bibliografia de mais de 400 títulos (25 pags.); e índices de autores e assuntos. Vinte e oito excelentes fotografias mostram indivíduos representativos dos grupos estudados.

A simples descrição da monografia já indica a sua importância. Pode-se discouradar de muitas das afirmativas apresentadas e imaginar outras maneiras de análise dos dados. Mas sem dúvida este documento permanecerá como uma importante contribuição para o conhecimento do homem americano.

O exame detalhado de uma obra de tal envergadura indica inevitavelmente pontos sujeitos a debate. A principal objeção que poderia ser feita, na minha opinião, seria a da falta de uma maior integração entre os dados antropológicos e os genéticos. Por exemplo, co-existem no livro afirmações que mostram aderência ao conceito tipológico de explicação da variabilidade física (pags. 18, 20, 50, 187) e apresentação dos postulados da moderna genética de populações, que invalidam tal conceito.

As informações colhidas não puderam ser ordenadas em um esquema interpretativo simples. Por exemplo, foram observadas diferenças em frequências de grupos sanguíneos mesmo entre tribos de filiação étnica e linguística muito próxima. Isto levou os autores a darem ênfase à possível ação da oscilação genética na determinação das frequências genéticas observadas. Mas como foi salientado por eles próprios (pág. 260), é possível que a utilização de métodos mais sofisticados de análise estatística (envolvendo o uso de computadores) possa levar a uma interpretação mais racional dos resultados. Este problema, aliás, está na raiz de todos os esquemas classificatórios taxonômicos atuais que envolvam populações humanas. A quantidade de informações sobre características morfológicas, que presumivelmente estão sob controle genético, bem como sobre polimorfismos, é de tal monta que está a exigir o desenvol-

vimento de métodos computacionais adequados que permitam uma análise que englobe todos os aspectos desta variação.

Poderiam ser feitos outros reparos quanto a afirmativas apresentadas especialmente no capítulo de interpretação das frequências de grupos sanguíneos. Os autores parecem supor que processos dispersivos devem envolver necessariamente a ação da oscilação genética, sem levar em conta que a seleção disruptiva, por exemplo, também pode condicionar dispersão (pags. 239 e 240). São mencionados em diversos trechos do livro os problemas genéticos especiais que surgem na análise de "populações pequenas". Mas não há nenhuma tentativa de defini-las. Sem dúvida a análise de grupos particulares é muito mais complexa do que o simples exame de possíveis gradientes gênicos em termos continentais. Mas é discutível classificar como "população pequena" aos 20.000 Yanoama que ainda vivem no Território Amazonas ou aos 11.700 Warao do Delta do Orinoco (tabela 1), a menos que se demonstre isolamento genético suficiente entre os grupos locais dessas tribos que justifiquem tal classificação.

Os comentários acima, naturalmente, não diminuem o valor da obra, que é um documento indispensável para todos os interessados em aspectos antropológicos e genéticos das populações indígenas americanas e se constitui, também, em importante contribuição à Biologia Humana em geral.

Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Brasil.

FRANCISCO M. SALZANO